

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA EM TEATRO

MARIANA DIAS PEREIRA DE LIMA

**ATELIÊ QUASE TODOS OS DESEJOS:
O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO PIOLIN**

UBERLÂNDIA-MG

2025

MARIANA DIAS PEREIRA DE LIMA

**ATELIÊ QUASE TODOS OS DESEJOS:
O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO PIOLIN**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de
Licenciatura em teatro da
Universidade Federal de
Uberlândia.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Daniele Pimenta

UBERLÂNDIA-MG

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

L732 Lima, Mariana Dias Pereira de, 1987-

2025 Ateliê Quase Todos os Desejos [recurso eletrônico] : o processo
de criação do espetáculo Piolin / Mariana Dias Pereira de Lima. -
2025.

Orientadora: Daniele Pimenta.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Uberlândia, Graduação em Teatro.

Modo de acesso: Internet.

Inclui bibliografia.

1. Teatro. I. Pimenta, Daniele, 1969-, (Orient.). II. Universidade
Federal de Uberlândia. Graduação em Teatro. III. Título.

CDU: 792

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Instituto de Artes

Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: - Bloco 3M



ATA DE DEFESA - GRADUAÇÃO

Curso de Graduação em:	Teatro				
Defesa de:	Pesquisa III				
Data:	29/08/2025	Hora de início:	19:30	Hora de encerramento:	20h50
Matrícula do Discente:	11711TET014				
Nome do Discente:	Mariana Dias Pereira de Lima				
Título do Trabalho:	Ateliê Quase Todos os Desejos: o processo de criação do espetáculo Piolin				
A carga horária curricular foi cumprida integralmente?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não				

Reuniu-se na Sala Camargo Guarnieri, no Bloco 3M do Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Teatro, assim composta: Profa. Dra. Mara Lucia Leal (IARTE/UFU); Dra. Elisa Helena Villela (IARTE/UFU); e Profa. Dra. Daniele Pimenta (IARTE/UFU), orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos, a presidente da mesa, Dra. Daniele Pimenta, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à discente a palavra, para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do curso.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Daniele Pimenta, Presidente**, em 29/08/2025, às 20:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mara Lucia Leal, Membro de Comissão**, em 29/08/2025, às 20:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elisa Helena Villela, Membro de Comissão**, em 29/08/2025, às 20:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6634548** e o código CRC **52C9A5B5**.

Referência: Processo nº 23117.059933/2025-68

SEI nº 6634548

AGRADECIMENTOS

À minha família, por todo apoio, carinho e incentivo.

À minha orientadora, Daniele Pimenta, pela condução e paciência e por ter dirigido Piolin com tanto amor e entrega, de forma tão profissional e cuidadosa.

Aos meus amigos e colegas de elenco que viveram essa experiência comigo e atuaram de forma tão comprometida e dedicada.

Aos docentes e técnicos do curso de Teatro por todo empenho e profissionalismo.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo relatar e refletir sobre o processo de criação do espetáculo Piolin, desenvolvido nos Ateliês de Criação Cênica I e II do curso de teatro da Universidade Federal de Uberlândia pela professora Daniele Pimenta no calendário de 2023.1 e 2023.2. A partir de entrevistas com a professora - diretora e com os técnicos, artigo sobre a relevância que esse processo teve na formação artística do elenco, como aconteceu cada etapa da montagem, o impacto na relação com o público e comunidade acadêmica, e a repercussão do espetáculo que, de uma forma adaptada, levou o circo para dentro da universidade.

Palavras-chave: Piolin; Ateliê de Criação Cênica; Espetáculo; Circo; Formação.

ABSTRACT

This Final Project aims to report and reflect on the creative process of the show "Piolin," developed in Scenic Creation Workshops I and II of the theater program at the Federal University of Uberlândia by Professor Daniele Pimenta during the 2023.1 and 2023.2 calendars. Based on interviews with the professor-director and technicians, I present the article on the relevance this process had on the artistic development of the cast, how each stage of the production unfolded, the impact on the relationship with the audience and academic community, and the repercussions of the show, which, in an adapted form, brought the circus into the university.

Keywords: Piolin; Scenic Creation Workshop; Show; Circus; Training.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - O INÍCIO.....	10
ATELIÊ I - QUASE TODOS OS DESEJOS	14
ATELIÊ II - CIRCO SOBERANO	23
<i>I - Personagens e Números Circenses</i>	<i>23</i>
<i>II - Cenografia</i>	<i>31</i>
<i>III - Canções e Coreografias</i>	<i>32</i>
<i>IV - Figurinos e Adereços</i>	<i>34</i>
<i>V - Últimos ensaios</i>	<i>36</i>
ESPETÁCULO - PIOLIN	38
<i>I - Temporada: Ana Carneiro</i>	<i>38</i>
<i>II - Temporada: Teatro da UFU</i>	<i>41</i>
CONSIDERAÇÕES - O FIM	47
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS	52

INTRODUÇÃO - O INÍCIO

“Era uma vez, mas eu me lembro
como se fosse agora [...]”

Na 3º série do ensino fundamental, eu tive uma professora de Artes que fez eu me apaixonar pela matéria. Usando a contação de história como recurso pedagógico, ela ensinou Impressionismo, Expressionismo e Cubismo, contando sobre a vida de três artistas desses movimentos: Monet, Van Gogh e Picasso. Ela contava sobre a vida desses artistas como se estivesse lendo uma fábula, mas sempre deixando bem claro a veracidade das histórias. Com isso, ela nos mergulhava naquele universo, quase mágico, e explicava o comportamento de cada personagem (artistas), o momento histórico que eles estavam vivendo e os motivos deles pintarem daquele jeito, tão diferente do tradicional realismo. A forma como essa professora ensinava me atravessou, e eu nunca esqueci a história desses artistas (Monet, Van Gogh e Picasso) e tampouco os movimentos dos quais eles fizeram parte. E assim, ainda criança, quando me perguntavam “o que você quer ser quando crescer?” eu estufava o peito e respondia com orgulho: quero ser artista!

Esse desejo continuou latente à medida que eu ia crescendo, e aumentou ainda mais na transição da infância para a adolescência, quando comecei a dançar balé e jazz, em um projeto de igreja. O tempo passou e o projeto acabou, mas era inaceitável, para mim, parar de dançar, então corri atrás de uma bolsa de estudos em uma academia de dança, e nunca mais parei. Desde então passei por diferentes linguagens artísticas, indo das artes visuais, outras modalidades de dança, teatro amador, tecido acrobático de circo, aulas de canto no conservatório, até me formar em bacharelado em Dança pela UFU.

Antes de começar a faculdade de Dança, eu tive oportunidade de trabalhar de *freelancer* como bailarina em um circo - Le Cirque - um circo diferente - e pouco tempo depois, de fazer aulas de tecido acrobático na academia em que eu dançava. As duas experiências foram incríveis, o circo sempre tem uma atmosfera mágica, encantadora, minha participação no Le Cirque foi curta, mas fazíamos as entradas para os números de circo, e tinha várias trocas de figurinos, todos coloridos, cheios de bordados e brilho. Depois dessa experiência, passei a assistir aos espetáculos gravados do Cirque du Soleil, e a fazer tecido acrobático. Entusiasmada com o tecido, eu amava assistir a vídeos de

acrobacias aéreas: tecido, lira, trapézio, e outras apresentações circenses. Esse mundo do circo sempre me encantava.

Quando entrei na graduação em Dança, tive muito contato e amizade com as/os alunas/os do teatro, e assisti a muitas apresentações teatrais, e eu sempre ficava fascinada, amava todas as peças, os cenários, os figurinos e sempre pensava: nossa, eu queria estar em cena neste espetáculo. Teve uma peça específica pela qual me apaixonei, era um melodrama e se chamava “Por ti não importa matar ou morrer”, dirigido pela então professora substituta Maria de Maria, em 2014. O espetáculo era ambientado em um circo, mostrando os conflitos dos personagens e cenas de uma peça que esse circo apresentava. O cenário de circo, os figurinos trabalhados, cheios de detalhes e brilho, a iluminação, o texto, a atuação, eu gostei de tudo nesse espetáculo e sonhei por muito tempo em participar de uma montagem assim.

Pouco tempo depois de finalizar o bacharelado em Dança, a formação em licenciatura passou a fazer falta, pois era uma exigência nos concursos e designações para dar aula no estado ou município. Unindo a necessidade de ter a licenciatura, somada à minha vontade de fazer teatro, decidi ingressar na graduação em Teatro da UFU, com o desejo de fazer um espetáculo incrível como o que eu tinha visto de 2014.

Para conciliar o trabalho e a faculdade, acabei fazendo o curso em um ritmo mais lento. Em maio de 2023 saiu o calendário acadêmico de 2023.1, e quase entrei em êxtase quando vi que o ateliê noturno seria com a Professora Daniele Pimenta, que nasceu em uma família circense, cresceu como artista de circo, e sua pesquisa é em circo e comédia popular. A Dani, como a chamo, sempre foi uma professora excelente nas disciplinas teóricas e muito querida, e em 2019 eu assisti ao espetáculo que ela dirigi chamado “Masteclé”, e fiquei apaixonada, era uma comédia popular incrível, e eu tinha certeza que se ela dirigisse um ateliê seria dentro do gênero que ela pesquisa e provavelmente seria execução muito bom feita. De fato, o Ateliê com a Daniele foi uma experiência fantástica, que me fez lembrar do meu sonho de ser artista, da minha experiência com o circo, do fascínio que esta arte me provoca e do desejo de fazer parte de uma montagem no curso no estilo bem teatrão¹. Portanto, toda essa vivência, me fez querer escrever sobre o processo criativo e a elaboração do espetáculo, e transformar no trabalho de conclusão da graduação.

¹ Expressão usada para se referir a uma ideia popular que as pessoas têm de teatro, um teatro que não é contemporâneo/experimental e sim mais clássico/estruturado, com personagens, textos, figurinos e cenários bem definidos e uma encenação mais tradicional.

Figura 1 - Minha Participação no Le Cirque e Treinando Tecido Acrobático. Espetáculo Por Ti Não Importa Matar ou Morrer. Divulgação do espetáculo Masteclé. Artistas e Bailarina/o que me inspiraram



Fonte: Acervo pessoal (2007 e 2016), Instagram @mito8teatro (2017), Instagram @ciarapadearroz (2019) e Google Imagens (2025) - Edição Minha

As discussões com minha orientadora tiveram como apoio teórico as autoras Erminia Silva, Daniele Pimenta e o autor Mario F. Bolognesi, embora, para a escrita propriamente, eu tenha optado por valorizar as minhas memórias e os relatos dos entrevistados.

No primeiro capítulo faço uma introdução do porque o ateliê recebeu o nome de Quase Todos os Desejos; descrevo várias atividades que fizemos em aula, apontando a relação que elas teriam com a montagem final e articulando com trechos da entrevista com a professora sobre o trabalho vocal, acrobático e circense; falo sobre as oficinas que tivemos e de como foi feita a escolha do texto e a criação do Banco do Ateliê, criado para levantar fundos para a montagem.

No capítulo dois eu falo sobre as etapas da montagem e de como o espetáculo foi pensado pela direção para ser uma trupe de circo que encena a peça Piolin; apresento os números de circo que foram apresentados no espetáculo comparando com os números reais de circo; abordo a elaboração dos cenários e figurinos, incluindo entrevistas com o cenógrafo Edu Silva e a figurinista Letz Pinheiro; e relato sobre os ensaios, as músicas e a banda.

O terceiro capítulo é dedicado às apresentações, nele discorro sobre a estreia; as duas semanas de apresentações, completando um total de oito; e do último dia dentro da

disciplina. Em seguida, relato sobre o convite para a inauguração do Teatro da UFU e toda a articulação que fizemos para levantar o espetáculo novamente a participar da semana de abertura do Teatro.

Finalizo o texto com as considerações finais, expondo a importância do processo na vida das/os alunas/os e da professora diretora e da magia que foi levar um pedacinho do circo e do teatro popular para dentro da universidade.

Complemento ao longo do texto com registros fotográficos do processo e do espetáculo e um anexo com o programa, fotos individuais dos integrantes do elenco e as músicas que foram interpretadas na peça.

ATELIÊ I - QUASE TODOS OS DESEJOS

Vai, vai, vai começar a brincadeira
 Tem charanga tocando a noite inteira
 Vem, vem, vem ver o circo de verdade
 Tem, tem, tem picadeiro e qualidade

Dia 08 de agosto de 2023, primeira aula do Ateliê de Criação Cênica I com a Professora Doutora Daniele Pimenta. Ateliê disputado, sala cheia e todas/os com muitas expectativas. A professora, artista e pesquisadora circense e do teatro popular, quis ouvir os desejos de cada um em relação ao Ateliê. Circo, música, melodrama, dança, palhaço, estiveram nas falas da maioria. Todas/os tinham em comum essa vontade de trabalhar circo e as virtuosas que essa manifestação artística pode proporcionar. A professora, sensata, disse que tentaria atender a todos os desejos, mas que o espetáculo seria soberano, ou seja, no final prevaleceria a montagem acima das vontades individuais. E assim começou a disciplina, que recebeu carinhosamente o nome de Ateliê Quase Todos os Desejos.

O Ateliê² é uma disciplina muito importante para a graduação em Teatro da UFU, pois trata-se da montagem final, o grande espetáculo antes da formatura. É o momento em que se avalia o nível técnico e criativo dos alunos, podendo, de acordo com a turma e o interesse do/a professor/a, usar uma dramaturgia conhecida ou a turma criar uma dramaturgia coletivamente. Desde o início, a professora tinha em mente trabalhar algum texto teatral brasileiro já existente, que estivesse dentro do universo do teatro popular, ou pelo tema, ou pelo estilo (como o melodrama), e ela levaria alguns para que a turma pudesse ler e escolher.

Antes de definir o texto, fizemos várias atividades para entender o que é a cena popular. Não tínhamos ideia de qual texto montaríamos, mas a professora apresentou conceitos e práticas que poderiam ser aproveitadas em qualquer escolha. Tanto que minha sensação é a de que mergulhamos no universo circense muito antes do que

² Ementa da disciplina: Os Ateliês de Criação Cênica são projetos propostos pelos docentes responsáveis, em consonância com suas pesquisas, englobando as etapas de investigação de materiais, experimentação e composição cênica, possibilitando ao aluno participar das diversas etapas do processo criativo. Os resultados deverão ser apresentados publicamente e em contextos a serem definidos pelos docentes e discentes envolvidos. Os ateliês oferecidos nos dois semestres de um mesmo ano são articulados entre si, compondo um processo contínuo de criação (O ateliê do segundo semestre tem como pré-requisito o ateliê do primeiro). Portanto, os dois semestres de ateliê não podem ser cursados em anos distintos. Disponível em:

<https://www.iarte.ufu.br/sites/iarte.ufu.br/files/media/publicacoes/iarte33701_-_atelié_de_criacao_cênica_i.pdf> Acesso em: 16/05/2025

realmente fizemos. Demos início a várias atividades corporais relacionadas ao circo, dentre elas: flexibilidade, acrobacias - fizemos acrobacias simples que são mais fáceis de executar como cambalhotas e estrelas, outras acrobacias que são mais complexas como parada de mão e reversão, não arriscamos para evitar acidentes -, portagem³, e outras. Daniele levou várias propostas de improvisação teatral, sempre voltadas para o contexto da cena popular, com expressões e emoções exageradas e vários aquecimentos vocais e exercícios de canto⁴, visto que depois de compartilharmos nossos desejos, a maioria das pessoas tinha votado para que fosse um espetáculo musical ou musicado⁵.

Algumas improvisações foram marcantes na disciplina tais como: *Jogo das emoções*, *Entrada Triunfal/Exercício do Orgulho* e *Quem morre mais bonito*. *Jogo das emoções* - formam-se duas filas, uma de frente para a outra, preferencialmente com a mesma quantidade de pessoas; cada pessoa vai representar um sentimento/emoção dicotômica (amor/ódio, alegria/tristeza, bom/mau, entre outras) cada aluna/o pega uma carta de baralho, e de acordo com o número que sair vai representar com mais ou menos intensidade a emoção no caminho de encontrar o colega da outra fila. Se fosse, por exemplo, amor, mais próximo do 1 seria ódio e mais próximo do 10 um amor muito intenso.

Entrada Triunfal/Exercício do Orgulho - trabalhamos a entrada em cena de forma marcante, circense, grande, exagerada, com o máximo de presença e orgulho que conseguíssemos.

Quem morre mais bonito - seguindo a mesma lógica da entrada triunfal, cada aluna/o entrava e caía ou se jogava no colchonete, como se estivesse morrendo, fazendo da maneira mais cênica possível. Em entrevista com a professora Daniele, ela conta:

Então, a questão da expansividade do corpo, daquelas primeiras improvisações com as cartas de baralho, de como lidar com o jogo e com o público e com a criatividade... me dei conta que todos os textos que eu tinha escolhido, de alguma forma, tinham uma cena de morte. No caso do Piolin, tinha a cena da morte dele. Então, depois, relendo os textos que eu tinha escolhido, eu falei “nossa, todos os textos têm uma cena de morte”. Então,

³ Portagem são acrobacias feitas em duplas, trios ou mais pessoas, formando poses de contrapeso em alturas diferentes.

⁴ Durante as primeiras aulas, trabalhamos a música *Socorro*, do Arnaldo Antunes, foi uma música bem marcante para a turma, fizemos algumas improvisações com ela, mas desde o início a Dani deixou claro que era exercícios, e que provavelmente não a colocaríamos no espetáculo. Após definirmos a dramaturgia, começamos a ensaiar outras canções que entrariam no espetáculo, e que serão mencionadas ao longo do texto.

⁵ Daniele nos explicou a diferença entre Teatro Musical e Teatro Musicado. O Musical conta a história através das canções, que compõem a dramaturgia do espetáculo. O Musicado, tem músicas no espetáculo, mas sem função narrativa.

eu quis brincar com aquele Quem Morre Mais Bonito para ver como é que as pessoas solucionam isso cenicamente.

Uma vez que a turma tinha escolhido trabalhar com música, e os interesses pelos gêneros teatrais eram diferentes entre as/os alunas/os, alguns tendendo para o drama e outros para a comédia, Dani propôs uma atividade que trabalharia as duas coisas. Espalhou pelo chão quatro colchonetes e em cada um definiu um gênero, sendo: Drama, Comédia, Drama Musical e Comédia Musical, e pediu para as/os alunas/os irem para o colchonete pelo qual tivesse interesse. Em seguida, pediu para que cada grupo⁶ se organizasse e criasse uma cena curta dentro daquele gênero e usasse música para os que tinham escolhido musical, e pediu para que cada cena tivesse uma morte, em consonância com o jogo de *Quem morre mais bonito* e com os textos que Dani levaria como proposta, contendo todos uma cena de morte.

Trabalhamos essas cenas por algumas semanas, tanto em aula sob orientação da professora, quanto em horários extras para ensaiarmos e pensarmos nos elementos para a apresentação (cenário, figurino, iluminação e sonoplastia). Tivemos duas aulas para os grupos se apresentarem, e a turma se empenhou bastante, alguns grupos solicitaram apoio técnico de iluminação, usaram cenários e figurinos disponíveis no curso⁷, e as 4 cenas ficaram muito boas, a ponto de nós as levarmos para a apresentação de encerramento⁸ do semestre. Embora soubéssemos que essas cenas não entrariam no espetáculo, a professora conseguiu atender mais um desejo, de forma que cada estudante pôde trabalhar com seu gênero teatral favorito, com ou sem música, e explorar a criatividade na elaboração das cenas e da dramaturgia.

O Circo é composto por vários números artísticos, onde se destacam acrobacias aéreas (trapézio, tecido, lira etc.), malabarismo, equilíbrio, ilusionismo, palhaçada, entre outros. Devido ao tempo curto e à complexidade dos números citados, não conseguiríamos trabalhar tudo, mesmo porque a ideia não era recriar um circo na íntegra, exploraríamos a linguagem, mas com diversas adaptações, e para os números

⁶ *Drama*: Tati, Lucas, Vinícius S, Bal e Guilherme.

Comédia: Bianca D, Bianca F, Bruna, Júlia, Karine, Marcella, Thiago e Yasmin.

Drama Musical: Diana, Giovanna, Luiz André, Mariana e Yuri.

Comédia Musical: Catarina, Elias, Maeu, Valissa e Vinícius N.

⁷ O curso de Teatro da UFU possui vários laboratórios para atender demandas específicas do curso, dentre eles o LIE - Laboratório de Interpretação e Encenação, o LICA - Laboratório de Indumentária, Cenografia e Adereços Cênicos, em que as/os alunas/os podem solicitar materiais para usar nas cenas e espetáculos.

⁸ A semana de encerramento do curso de teatro acontece todo fim de semestre e já é uma tradição no curso. É a semana de apresentações dos trabalhos das disciplinas, dos espetáculos dos Ateliês, das apresentações dos COMUFUs (oficinas ofertadas para a comunidade, ministradas pelos estudantes de licenciatura dos Estágios III e IV), entre outras atividades. Geralmente se chama Conexão Teatral, e nessa ocasião era a XXIV edição.

que seriam feitos com o máximo de virtuosismo possível, a Prof^a Daniele aproveitou as pessoas que já tinham habilidades corporais ou alguma experiência com acrobacia aérea, mesmo porque os aparelhos de trapézio e tecido só foram colocados no segundo semestre da disciplina, no Ateliê II.

Mesmo que nem todas/os as/os alunas/os fossem fazer acrobacias no espetáculo e/ou atuar como palhaças/os, tivemos três oficinas que foram muito boas para a turma, ajudando na consciência corporal, na flexibilidade e desenvoltura, foram elas: de acrobacia com Willy Di Rita; de Portagem com Guilherme Augusto Goulart; e de palhaço com Edu Silva. As oficinas de acrobacias e portagem foram de práticas do início ao fim, teve aquecimento, alongamento e as propostas. Willy usou os colchonetes do curso e nos passou diferentes tipos de cambalhotas, estrelas, parada de mão, cambalhota em dupla, segunda altura, de forma que arriscamos um pouco mais do que nas aulas anteriores, pela segurança de ele de ter formação em educação física e trabalhar especificamente com ginástica e *cheerleader*. Na oficina de portagem com o Guilherme, que também tem bastante domínio sobre a técnica de portagem, fazíamos em duplas ou trios, pois cada proposta necessitava de uma ou mais pessoas como base, que são chamados de portôs, e outra(s) que vai(ão) executar a acrobacia, que são chamados de volantes.

Figura 2 - Aula de Portagem com a Prof^a Daniele



Fonte: Júlia Ceneda (2023)

Figura 3 - Oficina de Acrobacia com Willy



Fonte: Daniele Pimenta (2023)

Figura 4 - Oficina de Portagem com Guilherme



Fonte: Valissa Medici (2023)

Das três oficinas, a que teve uma parte teórica foi a de palhaço. Edu Silva nos explicou a influência que os bobos da corte e a Commedia dell'Arte tiveram no surgimento dos palhaços, de como é característico dos palhaços também mostrar o lado sombrio e reprimido, e ainda apresentou um pouco dos tipos de palhaço, dentro da estética clássica e tradicional, que são: o Augusto - o palhaço bobo, engraçado, atrapalhado e obediente; o Contra-Augusto - que está no meio termo, não é tão bobo e engraçado como o Augusto e nem tão esperto como o Branco, de modo que ele geralmente manda no Augusto, mas obedece o Branco; e o Branco - que é o palhaço mais esperto, menos engraçado, com ar de superioridade e mandão. Edu nos explicou como essas características têm relação com as classes sociais, e cada tipo representa uma classe: Augusto a classe baixa, o camponês, o trabalhador, o pobre; Contra-Augusto representa a classe média, o pequeno burguês, o chefe, o que tem dinheiro, enquanto o Branco representa a classe alta, a elite/realeza, o aristocrata, o que tem muito dinheiro e terras; logo as cenas criadas por palhaços, se feitas nesse contexto de clássico e tradicional, sempre vão ter um fundo de crítica social.

Já estávamos trabalhando há algumas semanas quando a Daniele levou as dramaturgias para a turma escolher. A professora levou cinco textos⁹, e manifestou interesse em montar a dramaturgia de Perito Monteiro - *Piolin*; Dani afirma que “[...] eu já tinha em mente que o que seria mais tranquilo de dividir personagem e que também

⁹ Dramaturgias: *Um dia ouvi a lua* - Luis Alberto de Abreu; *Piolin* - Perito Monteiro; *Avoar* - Vladimir Capella; *Melodrama* - Filipe Miguez; *Geração Trianon* - Anamaria Nunes.

seria mais viável de eu fazer interferências como eu fiz, seria o Piolin”, porém acataria a decisão da maioria da turma.

Depois das leituras a turma ficou dividida entre Piolin e Melodrama, mas no final Piolin foi o escolhido. A partir da escolha do texto, o desafio seria distribuir os personagens entre os/as alunos/as, mas essa etapa ficaria para o final do semestre, enquanto isso, estávamos trabalhando a coreografia de abertura, e o texto *A Trapezista*, de Antônio Bivar, que Daniele iria inserir na dramaturgia, em algum momento da peça. Ficou definido que além do texto de Piolin, teríamos então inserção de músicas, coreografias, outros textos/cenas e números circenses variados - números sérios, executados com precisão e técnica, como tecido e trapézio; e números cômicos, trazendo referências imagéticas, mas sem os elementos reais, como a atiradora de facas e o globo da morte -.

A coreografia de abertura foi pensada para ser impactante, virtuosa e vibrante, inspirada no *Exercício do Orgulho/Entrada Triunfal*. Usamos uma música instrumental, do Cirque du Soleil - *Incantation*, e além dos movimentos coreografados, foi o momento de destacar o trabalho acrobático que tínhamos feito até o momento, como portagens e queda da segunda altura. A dança foi estruturada coletivamente: movimentos, entradas, portagem, acrobacias; e antes do semestre terminar, já tínhamos a abertura do espetáculo pronta.

Para elaborar um espetáculo desse porte, precisaríamos de capital, afinal o tema circo nos remete a cenários grandiosos, equipamentos de acrobacias, figurinos glamourosos, cheios de brilho, cores e muitos detalhes. O Instituto de Artes (IARTE) disponibiliza uma verba para ser usada nas montagens dos Ateliês, porém, além de ser uma verba muito pequena, conseguir sua liberação envolve burocracias, e nem sempre se consegue no prazo hábil. A fim de garantir cenários, figurinos, adereços e outros equipamentos que fossem necessários, cinco alunos/as¹⁰ da turma se organizaram para fazer a produção geral do espetáculo e criaram o B.A - Banco do Ateliê, no qual estrategicamente se organizaram para arrecadar fundos para nossa montagem. Combinamos uma mensalidade, fizemos rifas, apresentações, venda de lanches em eventos do curso, entre outras coisas, e atualmente essas ações se tornaram referência para os outros Ateliês conseguirem levantar fundos para suas montagens. O dinheiro arrecadado contribuiu grandemente para enriquecer as visualidades da peça e para a confecção dos figurinos, o que abordarei melhor no próximo capítulo.

¹⁰ Luiz André, Maeu, Valissa, Vinícius Neia e Yuri

Antes do semestre terminar tivemos um evento de três dias, organizado pelo cenógrafo do curso Edu Silva, chamado Comédia Popular, que contou com a presença do ator, diretor, pesquisador e Prof. de Teatro da UFRN André Carrico, com palestra, noite de mostra de espetáculos de comédia e roda de conversa. Houve uma mobilização da turma para ajudar na realização e também participar das atividades, a turma toda ganhou a camiseta do evento que, como disse a Profª Daniele, “acabou se tornando a identidade do Ateliê”. Neste evento, Daniele, Edu e André, expuseram os principais elementos da comédia popular, tanto teoricamente nas rodas de conversa, quanto nas cenas que foram apresentadas na mostra (que eram trechos de espetáculos dirigidos por Edu e Daniele, com atores de Uberlândia), reforçando o principal fundamento da comédia popular que é a de agradar ao público e que isso se dá, entre outros recursos, por meio de personagens-tipo, situações absurdas, interações com o público, crítica social, humor verbal e físico, linguagem coloquial, improvisações e temas cotidianos.

Figura 5 - Evento Comédia Popular



Fonte: Marcella Nahas (2023)

Na semana de encerramento participamos da mostra como uma aula aberta, apresentando os exercícios que a turma mais gostou de fazer, os que foram citados acima, e as cenas que elaboramos nos grupos de Drama, Comédia, Drama Musical e Comédia Musical.

Figura 6 - Cena de Drama Musical: Camille



Fonte: Laura Marzocchi (2023)

Figura 7 - Cena de Comédia: Miami Bitch



Fonte: Laura Marzocchi (2023)

Figura 8 - Cena de Drama



Fonte: Laura Marzocchi (2023)

Figura 9 - Cena de Comédia Musical: Mortesical



Fonte: Laura Marzocchi (2023)

No final do Ateliê I, a professora já tinha feito as adaptações no texto, encaixado os números de circo e inserido o texto da Trapezista, faltava distribuir os personagens. Novamente nos reunimos e retomamos quais eram nossos desejos falados na primeira aula, e baseados neles cada aluna/o falou qual personagem tinha ou não tinha interesse em fazer. Daniele anotou tudo para se organizar e fazer a distribuição. Piolin, o personagem principal da peça, seria interpretado por várias/os alunas/os, bem como outros personagens. Na última aula da disciplina foi feita a distribuição de personagens, e contabilizando as cenas coletivas, cada aluna/o ficou mais ou menos com a mesma quantidade de cenas. Fomos orientados a ler nossas falas e pensar em propostas de cenas para o início do Ateliê II. E assim finalizamos o Ateliê I com a coreografia de abertura pronta, algumas músicas ensaiadas, os números de circo e personagens distribuídos, ideias para figurinos e cenários e muitas expectativas.

Figura 10 - Primeiros testes da cena do enterro do Piolin no 1º semestre (24/10/2023)



Fonte: Julia Ceneda (2023)

Figura 11 - Processo de montagem da coreografia de abertura no 1º semestre (31/10/2023)



Fonte: Julia Ceneda (2023)

ATELIÊ II - CIRCO SOBERANO

Hoje tem Espetáculo?
Tem sim Senhor!
Hoje tem Marmelada?
Tem sim Senhor!
Ó raio o sol suspende a lua,
viva o palhaço que está na rua

O Ateliê II começou bem intenso, o semestre na UFU estava mais curto desde a época da pandemia e tínhamos um espetáculo gigantesco para montar praticamente tudo: cenas, coreografias, acrobacias, figurinos, cenários, músicas, ensaiar e estrear. Seguimos um cronograma apertado e a princípio parecia que não daria tempo, mas a turma se dividiu em equipes de produção para organizar cada necessidade do Ateliê. Tivemos: equipe de Produção Geral, de Arrecadação Financeira, de Comunicação e Divulgação, de Figurinos, de Cenografia, de Iluminação, de Maquiagem, de Orientação Circense, de Música e Sonoplastia, entre outros. Cada equipe se organizava fora do horário de aula para conseguir executar as demandas técnicas, e a professora fazia várias orientações de cenas isoladas fora do horário da aula também.

I - Personagens e Números Circenses

Dentro da dramaturgia original, tem no total 24 personagens¹¹, sendo o protagonista Piolin e os personagens Chicharrão, Mestre de Pista e a Mulher, os com mais cenas e falas. O texto, escrito pelo autor Perito Monteiro em 1996, “teve sua estreia em 1997 e foi escrito sob encomenda do grupo *Parlapatões, Patifes e Paspalhões*, para homenagear o palhaço Piolin que faria 100 anos no ano da estreia”, de acordo com a professora em entrevista. O texto conta a história do palhaço em vida e, pelo viés onírico, sua vida pós morte, além de referenciar outro grande palhaço brasileiro, José Carlos Queirolo - palhaço Chicharrão. Além dos personagens da peça Daniele acrescentou novos personagens na adaptação, não só para atender à quantidade de alunas/os, mas também para exaltar outros nomes importantes da história do circo e da palhaçada no Brasil, que não estavam no texto, como o artista Benjamim de Oliveira

¹¹Piolim, Chicharrão, Enfermeira, Mestre de Pista, Anjo da Guarda, Mulher, Oswald, Menotti, Mário, Tarsila, Escapo, Empresário Brasileiro, Empresário Japonês, Casaca-de-Ferro, Palhaço Repórter, Palhaço Padioleiro, Palhaço Bombeiro, Palhaço Locutor, Palhaço, Parceiro, Partner, Boneca, Palhaço Coisa Ruim, Sr. Galdino e Palhaça Parturiente.

e a artista Maria Eliza Alves dos Reis - o palhaço Xamego. Em entrevista, Daniele conta que

Eu sabia que poderia mexer no texto que a gente escolhesse, dependendo de qual fosse, claro, para tentar fazer as pessoas participarem do processo com algo que elas gostassem de fazer. Claro que a gente sabe que não seria todo mundo, o tempo todo, gostando de tudo, porque não tem como, né? Mais de 20 pessoas, mas que pelo menos cada pessoa tivesse o seu momentinho dentro daquilo que queria fazer. [...] eu queria fazer uma homenagem pro palhaço Xamego, e usar o texto, aquele texto que a Karine fala, de um livro de memórias, eu acho bonito, do palhaço amamentando. E queria fazer uma homenagem pro Benjamim de Oliveira, e aí não tinha nenhum texto pronto. Eu escrevi aquela cena, aquele diálogo dele com o Piolin, tentando ali fazer o público conhecer.

Com o tempo apertado o cronograma precisou ser seguido à risca, e conforme definido pela professora, até a última aula de março o espetáculo teria que estar pronto para termos duas semanas de ensaios gerais, com tudo, e enfim a estreia. Enquanto a profª Daniele se concentrava em seguir o cronograma e pensar na direção do espetáculo, entraram em cena o cenógrafo Edu Silva e a figurinista Letz Pinheiro - em parceria com a aluna Lara Puccinelli, e trabalharam arduamente para concretizar em curto prazo todos os elementos de cenário, adereços e figurinos. Daniele tendo experiência em direção e encenação, já tinha pensado em elementos de cenário e levantado referências de imagens para nortear a criação dos figurinos. Ela conta que se inspirou nas fotos dos artistas que são homenageados na peça (Piolin, Chicharrão, Benjamim e Xamego), e na estética das décadas de 1930 e 1940, além de cartazes e fotos de circos daquela época.

Em síntese, o roteiro do espetáculo é sobre uma trupe de circo (o Circo Soberano, da Trupe Quase Todos os Desejos) que entre números de circo, coreografias e canções, encena a peça Piolin para homenagear o famoso palhaço. O espetáculo teve ao todo oito números de circo, seis músicas, três coreografias completas e uma no formato de improviso e oito cenas puramente teatrais, sendo que três foram inseridas (A Trapezista, Benjamim de Oliveira e O Palhaço Xamego).

O primeiro número de circo é o *Trapézio*, e compõe com o texto da Trapezista, que narra o sonho que uma mulher tinha na infância de ser trapezista. O texto interpretado por quatro atrizes fazendo a mesma personagem, alterna entre falas individuais e coletivas, trazendo para a cena uma dramaticidade onírica e, no momento em que a personagem fala da “estrela d’alva no céu aberto”, a Trapezista entra e faz o número enquanto as atrizes assistem encantadas, ao som da canção *Estrela, Estrela* de Vitor Ramil, interpretado por duas pessoas da turma. Sobre essa cena Daniele afirma

que, sabendo que algumas pessoas faziam aula de canto e tinham segurança, “Eu falei, nossa, eu quero pôr essa música, eu vou pôr a trapezista, a Bianca vai dar conta, eu vou pôr um trapézio de verdade [...], essa foi uma escolha que eu fiz como diretora e dramaturga”.

Figura 12 - Número: A Trapezista



Fonte: Luciano Roberto (2024)

Escapo é o segundo número de circo do espetáculo. Em circos tradicionais o Número de Escape consiste em o artista se libertar/escapar/desprender de algum dispositivo de contenção (algemas, correntes, grades, entre outros), dentro de um tempo determinado, gerando apreensão e suspense na plateia. O circo do espetáculo traz esse número por um viés cômico, onde o personagem é atrapalhado e não consegue se soltar. O número aparece outra vez durante o espetáculo, também sem sucesso, e antes da cena final há o momento em que finalmente o *Escapo* consegue escapar da algema.

Figura 13 - Número: Escapo



Fonte: Amanda Bianco e Luciano Roberto (2024)

Outro número que era comum em circos é o do *Homem Forte*, terceiro número no espetáculo, e consiste em um artista com o biotipo alto e musculoso, que é capaz de carregar/suspender/puxar um objeto muito pesado, que a maioria das pessoas não é capaz. O número do *Homem Forte*, também foi pensado para ser cômico, começando pela forma como o ator se apresenta, fazendo as poses como se estivesse em uma competição de fisiculturismo, depois o exagero nas tentativa de suspender a barra de peso, como se fosse algo muito desafiador e difícil, junto com os comentários encorajadores e engraçados do Mestre de Pista, e por fim a partner¹² dele, uma moça pequena e magrinha, que tira a barra de cena, carregando sem nenhuma dificuldade.

Figura 14 - Número: Homem Forte



Fonte: Luciano Roberto (2024)

O quarto número da peça foi *A Domadora*, invertendo a lógica dos circos tradicionais de o domador ser um homem, no espetáculo tivemos a mulher interpretando esse papel. No Brasil não existe uma lei federal que proíba animais em circo, porém a lei de maus-tratos a animais pode ser aplicada ao circo e muitos estados e municípios possuem leis específicas que proíbem o uso de animais em circo, mas essa foi uma prática muito utilizada nos circos do passado, atraindo o público principalmente para verem animais carnívoros e perigosos como leão, tigre e urso. A cena apresenta a Domadora - corajosa e valente, a Partner - medrosa e assustada, e o Barney, um dinossauro rosa personagem de uma série infantil dos anos de 1990 chamada “Barney e seus amigos”, como A Fera. Mesmo para as pessoas que não são da época da série, o

¹² Artista que atua como assistente do artista principal, auxiliando nos números de circo, apresentando a cena, carregando objetos e puxando aplausos.

fato de a fera ser um dinossauro rosa todo abobalhado e a *partner* da domadora ficar fugindo e demonstrando muito medo, torna a cena divertida e engraçada, brincando com o real e o imaginário.

Figura 15 - Número: A Domadora



Fonte: Amanda Bianco e Luciano Roberto (2024)

Atiradora de Facas Invisíveis é o nome do quinto número de circo. No título já temos um elemento cômico, pois trata-se de facas invisíveis, e somando ao todo da cena em que o assistente de palco, as *Partners* e a Atiradora fazem os gestos como se realmente estivessem manuseando as facas, e acentuando um exagero quase melodramático, tendo como ponte de interação a narração dos acontecimentos pelo Mestre de Pista, deixam a cena engraçada. Vale ressaltar que o número *Atirador de Facas* é muito conhecido nos circos, e que exige muito treinamento e preparo dos artistas que executam, além de facas adequadas, feitas especificamente para esse fim.

Figura 16 - Número: A Atiradora de Facas Invisíveis



Fonte: Amanda Bianco e Luciano Roberto (2024)

Na transição de uma cena, temos o sexto número, chamado *Táxi Maluco*. Inspirado em diversos circos, o táxi maluco geralmente é realizado por palhaços que dirigem um carro (real ou cênico) caindo aos pedaços e carregando um número muito maior de pessoas e objetos do que o permitido pela legislação de trânsito. Na peça, tínhamos um carro cênico, na verdade a lateral do carro, que estacionava e dele saíam muitas pessoas, tanto do elenco, quanto pessoas do curso que quiseram fazer uma participação nesse momento do espetáculo. Dani comenta sobre essa cena na entrevista:

Eu pedi o táxi maluco, isso foi uma coisa que chegou depois para ele (o cenógrafo), porque não tem no texto o original, tem outra cena. Eu tirei a cena original, que era um outro esquete de palhaço, e quis colocar o táxi maluco, porque eu pensei numa brincadeira que acabou dando muito certo, virou uma febre ali no bloco, as pessoas quererem aparecer no táxi maluco. Isso virou um negócio, muita gente querendo, até a bateria entrou. Foi muito bom. Algumas coisas assim, a gente só descobriu quando deu certo depois da estreia.

Figura 17 - Número: Táxi Maluco



Fonte: Amanda Bianco e Luciano Roberto (2024)

Durante toda a apresentação, o Mestre de Pista anuncia que logo terá a apresentação do *Homem-bala*, como se esse número fosse o mais aguardado durante toda a peça, reforçando que trata-se de uma atração incrível. No entanto, a ideia é a de criar expectativa na plateia e o número não acontecer. No final do *Táxi Maluco*, o taxista supostamente atropela o homem-bala, e o sétimo número é cancelado. O número na vida real, consiste em o/a artista ser arremessado por um canhão, projetado especificamente para isso, e cair em uma rede elástica de segurança, causando impacto pelo perigo, velocidade e altura.

Após o Mestre de Pista anunciar que o *Homem-bala* não ia acontecer, o mesmo chama a próxima atração, o *Tecido Acrobático*, número executado em dois tecidos, realizado por mim e Luiz André, uma vez que já tínhamos experiência com essa acrobacia. A técnica de tecido acrobático, exige força muscular, flexibilidade e resistência, demandando horas de treino por parte das/os artistas, Embora não tenhamos realizado acrobacias de nível muito avançado, difíceis de executar, tivemos que treinar bastante em horários fora da aula para conseguirmos fechar, individualmente, as sequências de acrobacias que faríamos. A própria ação de subir (escalar) trabalha todos os músculos das costas, dos braços e muito cardio, eu complementava com abdominais no chão e no tecido, outros exercícios de cardio e alongamentos, sempre antes das aulas/ensaios e em outros dias extras. Mateus Navarro, aluno do curso de teatro que atua como palhaço e já deu aulas de acrobacias de circo, me auxiliou no treinamento de tecido e execução das acrobacias, me ensinou algumas acrobacias novas e me deu suporte nas que tinham queda, enquanto eu estava insegura. Os nomes das acrobacias podem variar de um lugar para o outro, mas minha sequência, de acordo com os nomes que eu aprendi, foi: escalada, chave de pé, espacate, cruzada nas costas com esquadro aberto, chave de cintura, frente infinita, cadeirinha e queda à frente. A sequência do Luiz André foi: escalada, trava de pé, meia lua, figura do cristo, da secretária, do querubim e queda suicida.

Figura 18 - Número: Tecido Acrobático



Fonte: Amanda Bianco, Luciano Roberto e Eliabe Vinicius (2024)

Até hoje, o número mais aguardado em um circo é o *Globo da Morte*, que geralmente é a última atração do espetáculo. O número causa grande impacto no público e consiste em três ou mais motociclistas pilotando dentro de uma esfera de metal simultaneamente. Na definição dos números que faríamos no espetáculo, foi unânime pensar no globo da morte, mas a questão era como adaptar esse número, deixando-o interessante de assistir e divertido/cômico ao mesmo tempo. A grande solução criada pela professora foi dar um *blackout*, usar uma trilha sonora em alto volume, e os/as artistas que interpretaram os motociclistas usaram lanternas para parecer os faróis e simularam a movimentação dos motociclistas. Todos/as se caracterizam como motociclistas e usaram capacetes e luvas. O número foi o último da noite, e fez muito sucesso com o público, reforçando a atmosfera circense e trazendo uma nostalgia para quem já assistiu a esse número presencialmente.

Figura 19 - Número: Globo da Morte



Fonte: Luciano Roberto e Eliabe Vinicius (2024)

Embora o espetáculo tenha tido oito números realizados e um mencionado - *Homem-bala* -, vários números tradicionais ficaram de fora como equilibrista, mágico, malabarista, entre outros. Mas pode-se dizer que a escolha dos números foi muito assertiva e eles casaram muito bem com cada momento do espetáculo e transição das cenas.

Na peça conhecemos Piolin, interpretado por 18 alunas/os da turma. A história conta sobre a relação do Piolin com o circo, com a palhaçada, com a imprensa, a

velhice, a morte, a relação dele com os artistas do Modernismo no Brasil, a relação dele com Chicharrão, Benjamim de Oliveira e palhaço Xamego, e seu nascimento. Momentos alegres e tristes, cômicos e dramáticos, intercalados por canções e números de circo.

II - Cenografia

Para o cenário, no texto original tinha indicação de uma maca, de um caixão e de um carro fúnebre. A maca foi mantida para a cena do hospital e o caixão substituído por um praticável¹³ com rodas que foi usado como o carro para o cortejo fúnebre do Piolin e para a cena do nascimento do mesmo. A rotunda foi feita de algodão cru e à frente tinha uma cortina vermelha presa em duas torres de andaime, o elenco podia tanto entrar pelo meio da cortina como pelas laterais. O picadeiro foi delimitado usando três tabelas¹⁴, que serviram para montar outros cenários durante o espetáculo. Além desses elementos teve o táxi maluco, uma escada, um biombo e diversos objetos cênicos que agora fazem parte do acervo do LICA. Sobre o processo de criação do cenário Edu Silva conta:

O processo começou quando Daniele me chamou para falar sobre a base de formação de palhaços de circo que fiz com a turma do ateliê. Neste encontro conheci a turma e seus desejos para serem engraçados nas cenas de palhaçada. Lembro-me que a cena base para elaborar algumas “gags” de palhaço de circo foi sobre a morte do Piolin que foi inspirada na morte do palhaço existente no filme “I clown” de Federico Fellini. Propus que entrassem com uma “carroça” que nada mais era que um praticável com rodas que posteriormente foi usado também para o nascimento. Um elemento que serviria para simbolizar vida e morte. Mais perto da estreia decidi pintar duas telas laterais para esse praticável: um lado com nuvens e outro com estrelas [...] além do praticável com rodas, eu propus o uso de três tabelas para os clowns brancos desenvolverem um conflito de poder por meio de uma ação de um ficar mais alto que o outro. As três tabelas acabaram sendo anexadas ao cenário como elemento para desenhar o picadeiro do circo do Piolin, além de virarem malas, cadeiras, penteadeira e outros elementos. Todas as quinze três tabelas ganharam cores vivas e alegres. Uma cortina vermelha tornou-se uma peça cenográfica essencial pois, como na maioria dos circos, vê-se uma cortina de entrada dos números. Mesmo com essa cortina vermelha foi preciso colocar uma rotunda de algodão crú que concretizava um conceito importante para cenografia: o algodão crú era o material base dos primeiros circos de lona no Brasil que posteriormente ganharam cera de carnaúba para impermeabilização resistente a chuvas. Um trabalho bastante extenso foi da construção de adereços de cena como uma cama, chave para São Pedro, biombo para o escapo, o táxi maluco, escada da boneca que também era de um número musical, bengalas, golas, a asa do anjo, sapatos, etc.

¹³ Estrutura usada como plataforma para criar diferentes níveis em cenário ou montar arquibancadas para a plateia.

¹⁴ Caixote de madeira de 50x30x20cm, com recortes nas laterais, usado em produções teatrais e audiovisuais para ter diferentes alturas e servir de apoio para atores e equipamentos.

O trabalho de cenografia foi árduo e minucioso, e o resultado ficou incrível, tudo muito colorido, bem elaborado e com um toque de exagero, criando toda a atmosfera de circo e comédia que a diretora queria. Edu complementa dizendo que em todo trabalho de cenografia ele coloca uma identidade, “eu sempre escolho um elemento de *design* para cada espetáculo, para Piolin escolhi a estrela de quatro pontas de diversas cores que coloco em vários adereços de cena de forma subliminar”, enriquecendo ainda mais o trabalho cenográfico.

Figura 20 - Itens do cenário: Delimitação das três tabelas, Maca, Carro de nuvens (morte), Escada, Fundo estrelado, Costas da escada para a boneca, Carro estrelado (nascimento), Táxi maluco e Rotunda de algodão com cortina vermelha, biombo roxo e três tabelas.



Fonte: Amanda Bianco e Luciano Roberto (2024)

III - Canções e Coreografias

Enquanto os cenários e os figurinos estavam sendo elaborados, a Professora-Diretora se empenhava tanto nos ensaios das cenas e números, dentro e fora dos horários de aula, quanto das músicas, e para isso contou com a ajuda da aluna musicista e monitora da disciplina Júlia Ceneda e do músico Antônio Mendes. O espetáculo teve a interpretação de cinco músicas pelo coletivo: *O circo* - Sidney Miller;

Circo no céu - Ney Carrasco; *A.B. Surdo* - Lamartine Babo e Noel Rosa; *Eu dei* - Ary Barroso; e *Na carreira* - Chico Buarque e Edu Lobo; e uma música por Bal Almeida e Marcella Nahas: *Estrela, Estrela* - Vitor Ramil; todas bem longas e difíceis de decorar e cantar, e deram trabalho para que a turma cantasse afinado, uma vez que nem todas/os tinham experiência com canto.

Daniele não poupou esforços para que as canções ficassem bem ensaiadas e dessem um toque especial na dramaturgia, inclusive no detalhe de ter uma banda ao vivo, como era comum nos circos do passado, e para que a banda ficasse ainda mais completa convidou dois músicos da graduação em Música para participar tocando instrumentos de sopro. A banda ficou formada por uma bateria - Júlia Ceneda, um violão - Antônio Mendes, um trombone - Jucelino Soares e um trompete - Filipe Rodrigues. O trabalho da banda não se restringiu às apresentações musicais, mas os músicos também fizeram várias intervenções sonoras durante as cenas. Outra pessoa que foi de fundamental importância durante todo o processo foi a convidada Isadora Pimenta, que realizou um trabalho excelente de pesquisa, criação e operação de sonoplastia, e precisou acompanhar todos os ensaios para inserir áudios e músicas em momentos específicos do espetáculo com precisão.

Em cada aula, desde o início do Ateliê II, tínhamos o tempo de ensaiar as músicas e cenas, mas no final da aula fazíamos uma passada geral com tudo que já tínhamos criado até o momento, seguindo o roteiro do espetáculo. Um dos momentos mais difíceis do processo foi a construção das coreografias. A coreografia de abertura do espetáculo já estava pronta quando o Ateliê II começou, mas a Dani queria coreografia em quase todas as canções.

A música *Eu dei* foi a primeira a ser criada, aproveitando alguns movimentos do 1º semestre, já que tínhamos trabalhado essa música no Ateliê I, em uma experimentação de Teatro de Revista, e ela disse que queria encaixá-la no espetáculo; ficamos praticamente duas aulas inteiras para fechar tudo.

Depois combinamos a música *A.B. Surdo*, na cena do Arte Baderna, mas inspirados nos passos de *charleston dance* de 1920, fixamos algumas movimentações e outras partes improvisadas, num estilo irreverente, bem a lá modernismo, sem ter a obrigatoriedade de sincronismo.

A última coreografia montada, foi da música *Circo no céu*, que aconteceu nas últimas aulas antes dos ensaios gerais, e além da movimentação, a Diretora quis que fossem confeccionadas nuvens cenográficas para que cada aluna/o segurasse durante a

coreografia, visto que essa cena representava a chegada do Piolin no céu. A música *Na carreira*, não teve coreografia, mas definimos uma movimentação de entrada, segurando as três tabelas como se fossem malas de viagem, aproveitando elementos de uma cena que trabalhamos no 1º semestre, até agrupar as pessoas no centro e, à medida que a música ia avançando, as/os alunas/os davam um passo para o lado ou para a frente para que todas/os fossem abrindo o desenho e aparecendo.

Embora parte das/os alunas/os não tivesse experiência com dança, a disponibilidade corporal e a vontade de aprender/fazer facilitou muito para que todas/os tivessem um bom padrão de qualidade e postura nas coreografias.

Figura 21 - Processo de montagem da coreografia Eu Dei (06/02/2024)



Fonte: Julia Ceneda (2024)

IV - Figurinos e Adereços

Na elaboração dos figurinos, Daniele apresentou as imagens que tinha selecionado para servir de referência, especialmente para as cenas da peça, que se passa no início do século XX, mas esclareceu que a proposta era de uma trupe de circo que durante o espetáculo homenagearia o palhaço Piolin encenando a peça do Perito Monteiro, portanto cada atriz/or teria um figurino base que usaria durante todo o

espetáculo e complementaria com outros figurinos e adereços de acordo com as cenas. Foi selecionada uma paleta de cores e os figurinos base seriam vermelho, verde e azul com detalhes dourados. Letz e Lara tiveram total liberdade no processo criativo e à medida que foram desenhandos os croquis, adaptaram cada figurino conforme a necessidade dos números e individualidade de cada aluna/o. Sobre o processo Letz conta que:

[...] a gente procurou muita coisa no Pinterest de circo mais antigo, circos de 1930 a 1960 [...] que tinha essa estética dos macacões bordados, das cores. [...] a gente queria escolher cores que remetesse a esse circo mais nostálgico, e aí numa pesquisa de imagens e cores, a gente chegou nas cores que iríamos utilizar, que foram vermelho, verde e azul, como as principais cores dos figurinos base, e outro elemento que a gente tinha visto que tinha nessas malhas e maiôs de circo, eram recortes e aí a gente escolheu fazer os recortes em dourado. A pesquisa de cor aconteceu junto com a pesquisa de tecido, porque quando a gente decidiu as cores a gente foi atrás para ver essas malhas, ver o que que tinha nas lojas de tecidos. A gente encontrou as malhas que a gente gostou mais e para os recortes a gente tinha decidido por dourado. [...] usamos a malha laminada dourada e os tecidos brilhosos para fazer os recortes das estrelas, que foram em quatro cores, verde, azul, e dois tons de dourado, um mais rosê e outro normal.

Figura 22 - Croquis dos figurinos desenhados por Letz e Lara



Fonte: Acervo pessoal de Letz Pinheiro e Lara Puccinelli (2023). Edição minha

Além dos figurinos base, tinham adereços para representar cada personagem, uma vez que quase todos os personagens foram interpretados por mais de um/uma ator/atriz. Para o Piolin tinha um figurino completo, que incluía o terno, sapato, chapéu, gola e bengala, mas os adereços que eram revezados de uma cena para outra eram o chapéu, a gola e a bengala; para o Chicharrão tinha a gravata e outro chapéu; as personagens Mulheres usaram vestido listrado; todas/os que interpretaram o Mestre de

Pista usaram uma cartola e um fraque sem mangas; e cada personagem, fosse revezado ou não por mais atrizes/atores, tinha figurinos e adereços específicos. Dentre eles se destacam: as asas do anjo - feito de sacolas de plástico; as tiaras das vedetes - feitas de tira elástica de paetês e plumas; o blazer da Xamego - feito com tecido de paetê prata com vários penduricalhos sonoros, entre outros.

Letz e Lara ressaltam a importância da equipe de figurinos que se empenharam muito na confecção dos adereços, especialmente o coordenador da equipe Lucas Macedo, que foi o responsável por organizar, guardar e arejar os figurinos durante toda a temporada.

Na fase de confeccionar os figurinos, a costureira do curso precisou se afastar por motivos de saúde e graças ao fundo arrecadado pelo B.A conseguimos pagar uma costureira externa à UFU para fazer a confecção dos figurinos em tempo hábil, e na última semana de ensaios gerais estávamos com todos prontos, fazendo um ou outro ajuste.

V - Últimos ensaios

Os ensaios gerais foram extremamente importantes, pois neles é que a turma foi corrigindo movimentações, projeção vocal, lugares, além de testar o que estava ou não funcionando em termos de cena, cenários e adereços, e também a iluminação, junto com a iluminadora Camila Tiago.

Se antes parecia que não daria tempo, o cronograma foi seguido com precisão, trazendo nos últimos ensaios uma sensação de confiança e ansiedade para a estreia. Os técnicos, a Diretora e as/os alunas/os se dedicaram significativamente para fazer acontecer, dia 10 de abril de 2024, quarta-feira, aconteceu nosso último ensaio geral, testando figurinos e maquiagem, e algumas pessoas da equipe de produção combinaram de arrumar algumas coisas no final de semana na UFU antes da estreia, segunda.

A divulgação estava acontecendo com periodicidade e alunas/os do curso de teatro, de outros cursos, familiares, estavam ansiosos para assistir ao tão esperado e comentado Ateliê Quase Todos os Desejos.

Figura 23 - Registro do último ensaio (12/04/2024)



Fonte: Julia Ceneda (2024)

Figura 24 - Registro do último ensaio (12/04/2024)



Fonte: Julia Ceneda (2024)

ESPETÁCULO - PIOLIN

I - Temporada: Ana Carneiro

Boa noite, senhoras e senhores!
Bem vindos ao Circo do Piolin!
Alegria, muita alegria!
A vida deste circo não tem fim!

Dia 15 de Abril de 2024, camarim agitado, atrizes e atores se maquiando, lembrando as músicas, repassando falas e movimentações, corações acelerados, um delicioso lanche na sala ao lado, o grande dia tinha chegado, finalmente aconteceria a estreia do circo Soberano, da trupe Quase Todos os Desejos, com o espetáculo Piolin.

O espetáculo, que ocorreu na sala Ana Carneiro do bloco 3M da UFU, foi digno do nome dado ao nosso circo, Soberano, o elenco em peso terminou comemorando a apresentação. O texto foi entregue com excelência, os números executados com precisão, as entradas e saídas do cenários deram certo, as músicas foram bem interpretadas e o clima de circo tinha sido instaurado no saguão.

A sala Ana Carneiro é o espaço onde a maioria dos Ateliês acontece, por ser uma sala grande, com um pé direito alto e excelente acústica. Uma das preocupações da Diretora era conseguir levar a atmosfera de circo para a Universidade, sobre isso ela contou: “eu tinha pedido o contorno do picadeiro. Eu gostaria que tivesse a definição do picadeiro, o ambiente de circo. Então, eu já cheguei com essa ideia de criar o ambiente do circo, dessa proximidade do público, de fazer pelo menos um semicírculo, e nessa sala foi possível realizar. Com duas portas de acesso bem grandes, uma ficou isolada e exclusiva para entrada do cenário móvel e a outra para entrada da plateia, que ficou aberta o tempo todo, permitindo a saída e entrada de pessoas, como acontece em um circo. O palco foi delimitado por 15 três tabelas, formando meia arena, e as cadeiras do público dispostas em semicírculo, com direito a arquibancada no fundo. A rotunda do palco foi montada na frente da entrada dos camarins, dando acesso ao elenco para trocas de roupas, mantendo a privacidade da equipe. Por ser uma turma muito grande, 23 pessoas no elenco, e o camarim pequeno, usamos a sala Interpretação que também tem acesso ao camarim, para maquiar, aquecer e deixar alguns itens de cenário e adereços.

O espetáculo teve 2 horas de duração, com um intervalo de 10 minutos na metade da apresentação. Durante esse intervalo tinha alunas/os vendendo pipoca, refrigerante e algodão doce para arrecadar dinheiro para o Ateliê. A disposição da

plateia e do cenário, permitiu muita proximidade com o público, era olho no olho, o elenco e as pessoas vibravam com tudo e podíamos sentir a energia positiva delas. A noite de estreia é sempre tensa e emocionante, a ansiedade vem com tudo, mas depois que acontece o espetáculo vem a sensação de alívio, de dever cumprido, e foi assim que finalizamos a 1^a noite, a 1^a de oito.

Se tudo deu certo na estreia, no 2º dia, a meu ver, não tivemos a mesma sorte. A professora tinha comentado e elogiado a estreia, além dos retornos positivos do público na saída do espetáculo. Talvez por isso a turma tenha se sentido confiante, e quando artistas se sentem muito confiantes, geralmente é quando perdem o foco e erram. Somando-se a isso, a Diretora, antes do espetáculo começar na 2^a noite, comentou que existia uma lenda da maldição do 2º dia no teatro, e que o 2º dia é quando acontecem vários erros, e que era para todas/os terem mais atenção e concentração. O alerta talvez tenha tido o efeito contrário, porque o elenco estava disperso, desconectado, e tiveram vários errinhos, de texto, de afinação, de números, de acrobacias e todas/os saíram um pouco chateados com o 2º dia de apresentação.

Mas o show não pode parar, veio o 3º dia, o 4º e foram duas semanas intensas, com um total de 8 apresentações, quantidade que é exigida nesta disciplina. Tiveram dias muito bons e outros nem tanto, cada pessoa do elenco tinha uma percepção diferente, baseado na sua parte do espetáculo, mas a entrega e segurança cada dia era mais forte, e um sentimento misto de querer encerrar o ciclo e ao mesmo tempo não querer que acabasse.

Durante a temporada praticamente todo o elenco tinha ficado resfriado em algum momento, e mesmo assim, as apresentações foram excelentes, pessoas se emocionando, elogiando, revendo, tiveram alunas/os do curso que assistiram quase todas as apresentações, e só teve uma noite em que a sala não lotou. Nas demais, sempre tinha gente assistindo até do lado de fora da porta.

Foram seis apresentações que ocorreram às segundas, terças e quartas, às 19:30, e duas, as últimas, no sábado e domingo da segunda semana. Estas, do final de semana, foram as que tiveram um número muito maior de público; no domingo a fila estava dobrando a esquina do bloco e muitas pessoas não conseguiram entrar, e por não ter como comportar a quantidade de gente excedente, foi necessário fechar a porta da plateia no início da apresentação para que não houvesse tumulto.

Figura 25 - Foto:abertura do espetáculo - apresentação do dia 22/04/2024



Fonte: Luciano Roberto (2024)

Figura 26 - Foto: final da última cena do espetáculo - apresentação do dia 22/04/2024



Fonte: Luciano Roberto (2024)

A última apresentação foi linda e emocionante, no final, durante os agradecimentos, praticamente todo o elenco se emocionou junto com a Diretora. Ela falou do quanto foi especial esse ateliê, da satisfação em levar o circo, onde ela cresceu e se tornou artista, para dentro da universidade, da alegria em ter trabalhado com o teatro popular. Sobre o retorno do público Daniele conta:

[...] a gente fez a temporada com sucesso, foi incrível como as pessoas gostaram do espetáculo, como as pessoas falaram do espetáculo, eu recebi muitas mensagens no privado de pessoas, algumas mensagens bem emocionantes, de pessoas que tinham parado de trabalhar como atores e que falaram, nossa, vendo Piolin eu lembrei por que eu quero fazer teatro, foi muito emocionante, eu recebi muitos, muitos retornos emocionados de pessoas achando que não só foi um espetáculo legal, mas que foi uma experiência importante para elas.

Além da professora, o elenco todo contou como o espetáculo tinha impactado as/os amigas/os e a família, e o coletivo em geral. Com pesar e ao mesmo tempo a sensação de dever cumprido, o ciclo do Ateliê estava se encerrando, era o fim das apresentações pela disciplina. Os dois semestres tinham sido intensos, às 8 apresentações desgastantes, principalmente do ponto de vista físico, afinal tínhamos o trabalho corporal intenso em cena, além de ter que montar e guardar cenários, cadeiras e figurinos todo final de apresentação.

E se muita gente assistiu, tínhamos muitas pessoas chateadas porque que não conseguiram ver, e ficaram pedindo que tivesse outras apresentações. O elenco ao mesmo tempo que queria um descanso, a vontade de apresentar mais vezes era unânime. Mas o semestre encerrou, os professores e técnicos da UFU entraram em greve, e só retomamos as aulas depois de um longo período, sem muita esperança ou expectativa de que conseguiríamos apresentar de novo.

II - Temporada: Teatro da UFU

Durante a greve, o grupo do Ateliê no WhatsApp continuou ativo. Tivemos acesso às fotos e vídeos, e sempre tinha alguém comentando e lembrando do espetáculo. No dia 11 de setembro de 2024, a coordenadora de produção geral, Maeu Rocha, entrou em contato com a turma para falar que a produtora cultural da Dicult (Diretoria de Cultura) UFU, Camila Amuy, estava convidando o elenco para apresentar o Piolin duas noites na semana de inauguração do Teatro da UFU em dezembro. E em meio a euforia e preocupação, afinal teríamos que levantar o espetáculo novamente depois de muitos

meses parados, a turma aceitou e começamos a nos organizar para ter duas semanas intensas de ensaios antes da apresentação.

As datas previstas para as apresentações eram em dezembro, bem próximas do recesso de final de ano (natal e ano novo), e os ensaios seriam nas férias de duas semanas antes de começar o próximo semestre. Com os ensaios nas férias, era difícil reunir todo o elenco, então fizeram um levantamento de datas e horários para que o máximo de pessoas pudesse participar e não prejudicar o coletivo. No início foi difícil o grupo se reconectar e retomar as músicas e as cenas, e como essa apresentação já não fazia mais parte da disciplina, não tínhamos prioridade na reserva de salas e as ideias estavam indisponíveis, ensaiamos em diferentes lugares, muitas vezes sem os cenários e figurinos; foi um momento desafiador, mas todas/os queriam muito que acontecesse e aos poucos foi dando certo e o espetáculo foi acontecendo.

Não precisou mexer no texto e/ou mudar falas, coreografias e personagens, uma vez que o elenco foi o mesmo, mas foi necessário adaptar algumas cenas, já que o palco lá é longe da plateia dificultando a interação com o público; a disposição do elenco e da banda; e alterar lados de entrada, já que o palco era menor que na sala Ana Carneiro. Ensaiamos com marcações no chão para nos adaptarmos ao tamanho menor, já que no início dos ensaios o teatro ainda estava em obras, e só liberaram para o grupo ensaiar direto no palco na véspera da apresentação.

Algumas descobertas só aconteceram quando ensaiamos no teatro, mesmo que a professora já tivesse estudado o espaço e considerado as alterações necessárias para a mudança de frontalidade, entradas e saídas diferentes e a existência de uma rampa e um vão entre palco e plateia. Para isso, Luiz André, aluno/ator da turma e coordenador da equipe de cenografia, demarcava o chão da sala de ensaio com fitas adesivas coloridas, com as medidas exatas do palco, mas é diferente estar de fato no teatro.

Entre essas descobertas, foi feita uma mudança importante no número d'A Fera: na primeira temporada, o número acabava quando o Barney ia para a plateia para abraçar alguém e o elenco reagia como se fosse algo muito assustador. Já no teatro, como seria perigoso o Ygor, que fazia o Barney, descer do palco para a plateia, por causa da pouca visibilidade de dentro da cabeça do personagem, a professora teve a ideia de remeter ao clássico da Disney “A Bela e a Fera” e, ao som da canção do filme, eu (que fazia a *partner* medrosa) desmaiava nos braços de Ygor (Barney). Eu logo despertava, nós dançávamos enamorados, Ygor tirava a cabeça do Barney, como se

fosse a transformação da fera no príncipe, e nós dávamos um beijo, um “selinho”, para arrematar a cena. Foi um sucesso!

A equipe de produção da turma teve muito trabalho para que essas duas apresentações acontecessem na inauguração do Teatro da UFU. A primeira foi refazer os cenários que já tinham sido desmontados e estavam sendo usados por outros ateliês, solicitar os figurinos e adereços que fazem parte do acervo do LICA, solicitar os técnicos que já não tinham obrigação em nos atender, visto que já não era parte da disciplina do curso mais, levar os cenários e figurinos para o teatro que fica longe do bloco 3M, entre outras coisas. Mesmo com tantos desafios, a produção foi impecável e providenciou tudo que era necessário para que a turma realizasse o desejo de apresentar Piolin outra vez.

O teatro da UFU ficou ótimo, um palco de médio porte, dois camarins, um mini saguão para elenco e pouco mais de 200 lugares. Ainda estavam ajustando alguns refletores e equipamentos no dia que liberaram para fazermos o primeiro ensaio lá. Foi unânime a sensação de que tínhamos sido engolidos pelo espaço, a voz parecia não chegar na plateia, uma sensação de que os movimentos estavam pequenos, as entradas do cenário móvel e do táxi maluco deram errado, o grupo parecia desconectado, bateu uma insegurança se conseguíramos criar aquela atmosfera tão mágica de circo.

No teatro o espaço pode ser uma questão, já que tem lugares que ou pela arquitetura ou pela disposição do palco e plateia parecem ajudar a/o atriz/ator e outros espaços que parecem sufocar o elenco, por isso é tão importante ensaios no local da apresentação para as/os artistas criarem afinidade com o espaço. No último ensaio, dia 18 de dezembro de 2024, que foi um ensaio geral com trocas de figurinos e tudo, foi bem melhor, conseguimos corrigir e ampliar os movimentos, a projeção vocal, e acertar os lugares e estávamos prontas/os e ansiosas/os para a apresentação oficial no dia seguinte.

Fizemos duas apresentações na inauguração do teatro da UFU, nos dias 19 e 20 de dezembro de 2024. Ingressos esgotados no Sympla, fila de espera, casa cheia. O espetáculo aconteceu e deu tudo certo nos dois dias, e o elenco ficou muito feliz e realizado com a oportunidade de reapresentar Piolin, e poder fazer parte de um momento histórico da UFU, de inaugurar o teatro universitário que estava em obras há 10 anos, foi uma honra. Mas se fizermos uma comparação, a sensação foi bem diferente da temporada que aconteceu na sala Ana Carneiro, devido à mudança de espaço e

disposição do palco e plateia. A atmosfera de circo foi mais intensa no bloco 3M, onde tínhamos um contato visual e uma proximidade muito maior com a plateia.

Sobre a participação na inauguração do Teatro e a mudança de espaço a Professora conta em entrevista:

Eu acho que isso foi importante como experiência artística, porque quando você faz temporadas, quando você faz um espetáculo profissional, você viaja, você raramente vai encontrar as condições ideais, e você vai ter que se adaptar, então acho que isso foi importante como experiência. Acho que foi uma honra participar da inauguração desse espaço. [...] E foi importante como experiência de mambembe, que a gente fala, quando você viaja com espetáculo e você chega num lugar e às vezes é no mesmo dia que você tem que participar do festival. Às vezes você tem duas horas para montar tudo e entender uma dimensão do espaço, ter essa agilidade mental de se situar num espaço diferente. E também foi importante porque a gente teve um público diferente do que a gente tinha no curso, com muita gente que não tinha assistido ainda, com muita gente que não era de teatro. [...] Eu senti que perdeu lá essa cara de circo, porque o espaço tinha uma frontalidade e antes a gente era uma semi-arena, então o espetáculo tinha uma outra relação com o público, a proximidade também. Lá tem um vão grande entre o público e a plateia, mas não caiu a qualidade do espetáculo em si. Eu acho que essa experiência de ter a cara de circo é que se perdeu. É uma peça sobre circo. Lá no 3M, parecia que as pessoas estavam num circo. E acho que parte disso foi porque o intervalo deixou de ter a venda da pipoca, deixou de ter esse movimento, que foi algo que eu fiz desde o começo. Falei, a gente vai ter um intervalo para vender pipoca, porque isso é muito tradicional do circo.

O espetáculo Piolin finalizou com êxito, e com essas duas apresentações no teatro da UFU, concluímos a temporada do Circo Soberano, da trupe Quase Todos os Desejos. Um processo coletivo, compartilhado, e executado com muito amor. Realizamos sonhos, homenageamos o circo, os palhaços, artistas importantes que fizeram história no Brasil, e o mais importante do teatro popular: agradamos ao público.

Figura 27 - Foto: 1º dia de apresentação no Teatro da UFU 19/12/2024



Fonte: Camila Branco Ribeiro (2024)

Figura 28 - Foto: 2º dia de apresentação no Teatro da UFU 20/12/2024



Fonte: Camila Branco Ribeiro (2024)

Figura 29 - Foto: 2º dia de apresentação no Teatro da UFU 20/12/202



Fonte: Camila Branco Ribeiro (2024)

Figura 30 - Foto: elenco no palco e plateia ao fundo, no 2º dia de apresentação no Teatro da UFU 20/12/2024



Fonte: Camila Branco Ribeiro (2024)

CONSIDERAÇÕES - O FIM

“Era disso que eu tinha medo: do que não ficava para sempre [...]”

Na introdução eu falo sobre dois sonhos que eu tinha, o primeiro de me tornar artista e o segundo de participar de uma montagem teatral tão incrível como as que eu assisti lá do curso; os dois sonhos se realizaram e é uma honra poder registrar esse processo. Piolin não marcou apenas minha trajetória como artista, mas de todo o elenco. O envolvimento e o comprometimento com o processo foi unânime e todas/os trabalharam como profissionais, para além de ser uma montagem necessária da disciplina para formar, e isso se evidenciou na apresentação para inauguração do Teatro da UFU.

O processo fez com que todo o elenco desenvolvesse as habilidades na atuação, e também em outras áreas como a música, a dança, as acrobacias e diversas frentes de produção; além de ampliar a escuta, o cuidado, o trabalho em grupo e a importância do coletivo. Não tem um/a ator/atriz que não se emociona ao falar da própria vivência com o espetáculo e de como foi importante para o desenvolvimento na carreira como artistas. Mas certamente a pessoa mais impactada com esse processo foi nossa professora e diretora Daniele Pimenta, que viu a dedicação das/os alunas/os, o envolvimento significativo de pessoas que nem faziam parte da disciplina e a mobilização das/os estudantes e técnicos do curso, empenhados para que o espetáculo acontecesse.

Para além da parte técnica, como já mencionado, Daniele nasceu em um circo e cresceu como artista, e hoje é uma referência como pesquisadora de circo e teatro popular, levando a história do circo e sua trajetória como artista para o meio acadêmico. Mas com essa montagem, conseguiu sair do campo teórico e levar, ainda que de forma adaptada, o circo para dentro da universidade, proporcionando a vivência e a magia que tem em um circo, para quem teve oportunidade de assistir Piolin. E assim como para as/os alunas/os, o processo foi muito mais que só uma disciplina para ela também, que dedicou um semestre na preparação da turma, se empenhou na adaptação do texto, trabalhou como diretora e encenadora, e despendeu horas de ensaios extras para que tudo saísse como planejado.

Indo de Piolin a Chicharrão, de Benjamim a Xamego, de modernistas a badernistas, o ateliê/trupe Quase todos os desejos, do circo Soberano com o espetáculo Piolin, marcou do elenco aos demais estudantes, de técnicos a familiares, conforme

mensagens, depoimentos e elogios ao longo das temporadas. E como um bom circo agradou crianças, adultos e idosos.

O Ateliê me ensinou o panorama geral de uma montagem teatral, a entender todas as etapas (pesquisa, texto, elenco, direção, corpo, cenário, figurino, iluminação, sonoplastia, ensaios, entre outras coisas), e a importância de priorizar o coletivo e desenvolver a consciência de grupo. Além da parte prática e técnica, pude conhecer mais sobre o circo no Brasil e sobre artistas tão importantes do nosso país, como os Modernistas, o próprio Piolin, Chicharrão e Xamego.

Piolin foi inspiração para o meu último Estágio da Licenciatura em Teatro (Estágio 4) e junto com o Vinícius Neia, que também fez parte de Piolin, e a colega Ana Cavazotto, que trabalha com musicais, fizemos o COMUFU¹⁵ com o tema Circo e ofertamos a oficina para crianças de 8 a 10 anos com o título “O Mundo Mágico do Circo”. Apesar do semestre ter sido curto, conseguimos trabalhar acrobacias, músicas e criar uma pequena dramaturgia chamada “Circo Pirulito que Bate-bate”¹⁶, para apresentar como resultado final da oficina no evento Encontrão¹⁷.

Nessa dramaturgia, as crianças fizeram a abertura no estilo entrada triunfal que aprendemos com a Dani no Ateliê, teve duas apresentadoras que chamavam os números de circo (que foram: mágico, equilibrista, acrobata contorcionista e por último a domadora - inspirada no Ateliê). As cenas que aconteceram entre os números, teve um teor cômico e girou em torno do desaparecimento do palhaço Pirulito (personagem citado, mas inexistente na peça), num jogo de fofocas para descobrir quem “sumiu” com o palhaço. No final da apresentação as crianças encontram uma carta de despedida, e descobrem que na verdade o palhaço fugiu para o Circo do Piolin, fazendo uma referência direta ao Ateliê.

¹⁵ COMUFU significa Comunidade e UFU em cena, e é um projeto de extensão do Curso onde alunas/os do Estágio 3 e 4 oferecem oficinas gratuitas e abertas à comunidade, atendendo diferentes idades, sem exigir experiência prévia.

¹⁶ Sinopse: O circo Pirulito que Bate-bate está em temporada na cidade de Uberlândia, mas durante a apresentação os artistas descobrem que o palhaço Pirulito sumiu. Durante o espetáculo, em meio aos números de circo, a trupe tenta desvendar o misterioso desaparecimento do palhaço.

¹⁷ Encontrão é um evento do Curso de Teatro da UFU, organizado pelas/os alunas/os do Estágio 3 e 4, junto com o/a professor/a da disciplina, que acontece geralmente no penúltimo sábado do semestre, onde as turmas das oficinas ofertadas apresentam o resultado final para a comunidade. Esse evento conta com os técnicos do curso e as/os alunas/o apresentam usando figurinos, elementos de cenário,

Figura 31 - Circo Pirulito que Bate-bate: apresentação no Encontrão 03/05/2025)



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Desde cedo, nós artistas aprendemos a lidar com a efemeridade, mas também aprendemos a estar presentes no momento presente, parece redundante, mas em tempos de tantas redes sociais e distrações não é. Em cena não dá para dispersar, não dá para pensar em outras coisas, o foco está todo naquela ação. Cada espetáculo, cada cena é única, por mais que se apresente várias vezes, uma apresentação nunca vai ser igual a outra, então cada momento em cena importa e é mágico. E isso vale para o público também, é lindo ver a plateia atenta, vivendo aquele momento, aproveitando a experiência, pois como disse Ferreira Goulart em sua célebre frase: “a arte existe porque a vida não basta”.

De fato, só a vida não basta, a/o artista precisa criar para significar a vida, as pessoas precisam de arte para aliviar a vida, e nessa via de mão dupla, artistas e público se encontram e a magia da arte acontece, mesmo que por instantes. E assim foi com o Piolin, que chegou ao fim, mas eternizou na vida de quem fez e de quem assistiu. Um espetáculo que levou histórias, humor, cores, luzes, teatro, circo, música e dança para uma platéia ávida por arte. E para nós artistas, a vida é “[...] ir deixando a pele em cada palco e não olhar para trás, e nem jamais, jamais dizer adeus”. O espetáculo até pode acabar, mas nunca é o fim, porque na memória ele vai ser eterno.

Figura 32 - última apresentação Ana Carneiro 28/04/2024



Fonte: Amanda Bianco (2024)

Figura 33 - última apresentação Teatro UFU 20/12/2024 (Dani emocionada)



Fonte: Camila Branco Ribeiro (2024)

REFERÊNCIAS

BOLOGNESI, Mário Fernando. "Do teatro de feira ao circo moderno". In: **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 10,n.4. Porto Alegre: UFRGS, 2020

GABRIEL, Mariana., & GOMES, Christiane (2016). "Minha Avó Era Palhaço" documentário que conta a história da primeira palhaça negra do Brasil (2016). In: **Portal Geledés** Disponível em:
<https://www.geledes.org.br/minha-avo-era-palhaco-documentario-que-conta-historia-da-primeira-palhaca-negra-do-brasil-sera-lancado-hoje/> Acesso em 17/08/2025

PIMENTA, Daniele – "Influência e confluência". In: **Sala Preta**. Revista do PPG em Artes Cênicas – ECA – USP. São Paulo: volume 6, 2006, pp. 21-26

SILVA, Erminia "Circo-teatro é teatro no circo", In: **Revista Anjos do Picadeiro 7** – Encontro Internacional de Palhaços. Rio de Janeiro: Teatro de Anônimo/Petrobrás; Editora: Ieda Magri, maio de 2009, pp. 32-51. ISSN 1983-6449, 105 p.

SILVA, Erminia: "O circo sempre esteve na moda". In: **Daniel Lins;Beatriz Furtado. (Org.)**. Fazendo rizoma: pensamentos contemporâneos. 1ed.Fortaleza: Hedra, 2008, v. 1, p. 90-97

VIVER, Crescer e. **Manual para acrobatas:** Parada de mão, acrobalance e banquine. FEDEC. Apostila 06. Disponível em:
https://circocrescereviver.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Manual-Circo-Capitulo-6-Acrobatas-1_compressed.pdf Acesso em 04/10/2025

ANEXOS

Com este espetáculo homenageamos:

Abelardo Pinto (1897-1973), o palhaço Piolin, um dos palhaços mais queridos pelo público brasileiro! Estampou tirinhas de jornal e figurinhas das populares Balas Piolin, colecionadas em álbuns por milhares de crianças daquela geração, além de ser considerado o maior representante da arte brasileira pelos modernistas. O dia 27 de março, data de seu aniversário, é oficialmente o Dia Nacional do Circo.

José Carlos Queirolo (1889-1982), o palhaço Chicharrão, único filho da numerosa e tradicional família de acrobatas, os Queirolo, a nascer no Brasil. Chicharrão se destacou por ser um pesquisador: estudava a reação do público para desenvolver novos números, utilizando seus dotes acrobáticos e musicais, sendo considerado autor de números clássicos do picadeiro. Chicharrão é o abrasileiramento de Chicharrón, que significa torresmo, em espanhol. Seu filho, Brasil Carlos Queirolo, o famoso palhaço Torreoso dos programas televisivos, adotou esse nome em homenagem ao pai.

Benjamim de Oliveira (1870-1954), além de atuar no picadeiro, como acrobata, ator, músico, dançarino e palhaço, também gravou discos, fez cinema, foi dramaturgo e organizou até campeonatos de capoeira, quando esta ainda era proibida no Brasil. Benjamim tornou-se círcense para fugir da violência paterna: nasceu afirriado, filho de uma mulher escravizada e de um capitão do mato, que o agredia diariamente, por isso, aos doze anos, "Benja" fugiu com uma trupe círcense, passando por várias companhias, nas quais aprendeu e desenvolveu suas habilidades, até destacar-se como artista e se estabelecer como um dos maiores empresários círcenses do Brasil.

Maria Eliza Alves dos Reis (1909-2007), o palhaço Xamego, era atriz de circo-teatro e cantora, atuando no círco de sua família, o Circo Guarany, e em programas de rádio, junto com sua irmã Efigênia. No picadeiro, atuava como palhaço, não palhaça, pois na tradição círcense itinerante da época o palhaço era entendido como um personagem masculino. Sua história ganhou notoriedade recentemente, com a circulação do documentário "Minha avó era palhaço!", de Mariana Gabriel (sua neta) e Ana Minehira, e ela se tornou uma importante referência para o movimento das mulheres palhaças na atualidade.

O CURSO DE TEATRO E A TRupe ATELIÉ QUASE TODOS OS DESEJOS APRESENTAM:

PIOLIN

Nosso pix para a sua contribuição, pague o quanto puder!

Apoios:

LICA LIE CURSO DE TEATRO LAACENICAS

GRUPO PONTE TEATRO DAGO

ESSENCIAL® SEMI JOIAS Efficient BIOTECNOLOGIA AMBIENTAL

De Perito Monteiro
Direção: Daniele Pimenta

INGRESSOS GRATUITOS!
- Distribuição de senhas lh antes -

@quasetodosdesejos

Caríssima plateia, é com muita alegria que apresentamos este espetáculo para vocês! A montagem faz parte de uma disciplina do Curso de Teatro da UFU chamada Ateliê de Criação Cênica, que é desenvolvida de acordo com o perfil das pesquisas de quem a conduz. Desde o início, fiz o possível para ouvir e dar espaço para os interesses de cada participante - o que acabou nomeando o nosso processo de Ateliê Quase Todos os Desejos -, e conduzi a turma por estudos práticos e teóricos sobre a Cena Popular, englobando Comédia, Teatro Musical, Melodrama e Circo, que levaram à escolha do texto teatral Piolin, montado neste segundo semestre da disciplina.

Mas, claro, para atender a quase todos os desejos, foi preciso mexer no texto, cortar e acrescentar cenas, incluir quadros musicais e números círcenses, sempre contando com a coragem da turma em se arriscar, com seu empenho em trabalhar para levantar a produção, e com parcerias que foram se somando ao processo - oficineiros círcenses, músicos, cenógrafo, figurinista, iluminadora, produtora - e, assim, chegaros ao espetáculo que é nossa homenagem ao circo brasileiro e a algumas de suas personalidades mais importantes, além de ser espaço e tempo para que cada estudante artista possa, finalmente, depois de um processo exigente e ceticamente criativo, aproveitar seus momentos em cena junto a vocês!

Daniele Pimenta, professora e diretora.

- Sinopse -

Piolin é um espetáculo que homenageia o circo brasileiro, a partir da biografia de Abelardo Pinto (1897-1973), o palhaço Piolin. Ao texto teatral de Perito Monteiro foram acrescentados números musicais e círcenses, de modo a contemplar os desejos e aptidões do elenco, em uma montagem que tem como prioridade agradar ao público!

- Ficha técnica artística -

Direção: Daniele Pimenta

Elenco:

Bal Almeida	Luiz André Perrella
Bianca Drummond	Marcella Nahas
Bianca Fidenis	Maéu Rocha
Bruna Albano	Mariana Dias
Catarina Savietto	Tati Fernandes
Elias Domonte	Valissa Medici
Giovanna Carla	Thiago Mateus
Guilherme Dias	Vinícius Neia
Júlia Costa	Vinícius Severo
Karine Fernandes	Yasmin Caroline
Lucas Macedo	Ygor Carvalho
	Yuri Leite

Monitores: Júlia Ceneda e Ygor Carvalho

Texto original: Perito Monteiro

Textos Adicionais: Antônio Bivar, Daniele Pimenta e

Dirce Tangará Milletto

Adaptação Dramática: Daniele Pimenta, Júlia Ceneda

e Ygor Carvalho

direção Musical: Daniele Pimenta e Júlia Ceneda

Músicos: Antônio Mendes, Filipe Rodrigues, Júlia

Ceneda e Jucelino Soares

Sonorização: Isadora Pimenta

Registro Fotográfico: Amanda Bianca

Cenografia: Edu Silva

Equipe de Cenografia: Luiz André Perrella (Coordenador),

Maeu Rocha, Valissa Medici, Vinícius Neia, Vinícius

Severo e Yuri Leite

Concepção de Luz: Camila Tiago

Atuação de Luz: Camila Tiago e Eduardo Buiatti

Monitores do Laboratório: Eduardo Buiatti, Luiz André

Perrella, Júlia Ceneda e Vinícius Neia

Equipe de Montagem: Eduardo Buiatti, Luiz André

Perrella, Júlia Ceneda Valissa Medici e Vinícius Neia

Figurino: Létz Pinheiro e Lara Puccinelli

Equipe de Figurino: Elias Domonte, Júlia Costa, Lucas

Macedo (Coordenador), Karine Fernandes, Marcella

Nahas e Yasmin Caroline

Costureira: Lindalva Vieira

Maquiagem: Catarina Savietto, Elias Domonte

(Coordenador), Júlia Costa, Marcella Nahas e Yasmin

Caroline.

Arte: Catarina Savietto

Designer Gráfico: Bianca Drummond

Orientação Circense: Guilherme Augusto Goulart (Portagem), Isadora Pimenta (Trapézio), Mateus Navarro (Tecido Acrobático) e Willy Di Rita (Acrobacias)

Locução: Davi Diniz

- Ficha técnica de produção -

Produção Geral: Luiz André Perrella, Maeu na Rocha (Coordenadora), Valissa Medici, Vinícius Neia (Coordenador) e Yuri Leite

Produção Institucional: Elisa Villela

Equipe de Arrecadação Financeira: Bal Almeida, Bianca Drummond, Bianca Fidenis, Catarina Savietto, Giovanna Carla, Luiz André Perrella, Marcella Nahas, Tati Fernandes, Valissa Medici, Vinícius Severo, Yasmin Caroline e Yuri Leite.

Comunicação e Divulgação: Bal Almeida, Bianca Drummond, Bruna Albano, Catarina Savietto, Marcella Nahas, Yasmin Caroline e Yuri Leite.

Assistentes de Produção: Guilherme Pimentel, Marcos Neto Basílio, Pedro Henrique da Silva Lopes, Rafaela Hazel e Tasciano Mendes

Empréstimo de Cenário: Cia. PICNIC de teatro

Empréstimo de Tecido: Elias Domonte e Junya Oliveira

Auxiliar de vendas: Kleber Maronezi

Auxiliar de Transporte: Alice Aleixo

Realização - Ateliê Quase Todos os Desejos

Apoios Institucional: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Artes, Curso de Teatro, LIE, LICA e LAACENICAS

Apoiadore externos: Brasil Por Dentro, Efficient Biotecnologia Ambiental, ESSENCIAL Semi Joias, GrupontaPé de Teatro, Teodoro Tattoo Company.

FOTOS INDIVIDUAIS DO ELENCO (Fonte: Amanda Bianco e Gilson Carvalho)

Bal Almeida



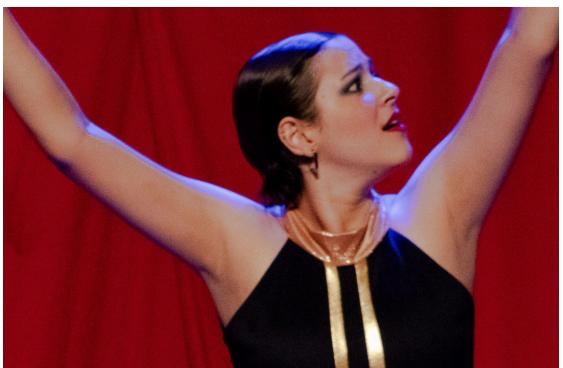
Bianca Drummond



Bianca Fidenis



Bruna Albano



Catarina Savietto



Elias Domonte



Giovanna Carla



Guilherme Dias



Júlia Costa



Karine Fernandes



Lucas Macedo



Luiz André Perrella



Maeu Rocha



Marcella Nahas



Mariana Dias



Tati Fernandes



Thiago Mateus



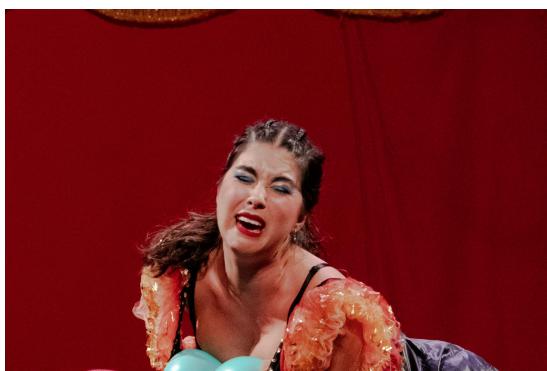
Valissa Medici



Vinícius Neia



Vinícius Severo



Yasmin Caroline



Ygor Carvalho



Yuri Leite

**LISTA DE PERSONAGENS –
PIOLIN – VERSÃO ATELIÊ
DANIELE PIMENTA**

Trupe do Circo – todos
Mestres de Pista - 10
Piolins - 18
Chicharrões - 04
Repórteres – todos os disponíveis
Repórteres Acrobatas - 03
Palhaça Rainha do Gatilho - 01
Enfermeira (morte e nascimento) - 01
Enfermeiras Gags – 02
Clowns Brancos - 04
Viúvas – 02
Cavalos/Cocheira/Amigos – todos os disponíveis
Texto Trapezista (Mulher 0) – 04
Número de Trapézio – 01
Dueto canto para trapézio - 02
Mulheres - 07
Anjo da Guarda - 01
Palhaços Padoleiros – 02
Benjamim de Oliveira – 01
São Pedro – 01
Coro de anjos e nuvens – todos os disponíveis
Palhaço da xicrinha - 01
Escapo – 01
Homem Forte – 01
Partner do Homem Forte – 01
Oswald de Andrade – 01
Mário de Andrade – 01
Tarsila do Amaral – 01
Palhaça Modernista - 01
Músico Modernista e Poeta Parnasiano – 01
Vedetes das Placas - 03
Coro Modernistas – todos disponíveis
Xamego – 01
Domadora – 01
Fera (Barney) – 01
Boneca de Ventríloquo – 01
Palhaço dias das semanas – 01
Número do Atirador de Facas Invisível (Partners) - 03
Intérprete Brasileira – 01
Empresário Japonês – 01
Emp. Alemão – 01
Emp. Americano – 01

Emp. Francesa – 01
Número do Táxi Maluco – todos os disponíveis
Número de Tecido – 02
Coro de Eu Dei – todos os disponíveis
Número do Globo da Morte – 04
Coisa Ruim - 01
Sr. Galdino - 01
Parturiente – 01
Casaca-de-Ferro Espanhol- 01

Músicas: O circo, Estrela, Circo no céu, AB Surdo, Eu dei e Na carreira

O circo - Sidney Miller

Vai, vai, vai começar a brincadeira
Tem charanga tocando a noite inteira
Vem, vem, vem ver o circo de verdade
Tem, tem, tem picadeiro e qualidade

Corre, corre, minha gente que é preciso ser esperto
Quem quiser que vá na frente, vê melhor quem vê de perto
Mas no meio da folia, noite alta, céu aberto
Sopra o vento que protesta, cai no teto, rompe a lona
Pra que a lua de carona também possa ver a festa

Vai, vai, vai começar a brincadeira
Tem charanga tocando a noite inteira
Vem, vem, vem ver o circo de verdade
Tem, tem, tem picadeiro e qualidade

Bem me lembro o trapezista que mortal era seu salto
Balançando lá no alto parecia de brinquedo
Mas fazia tanto medo que o Zezinho do Trombone
De renome consagrado esquecia o próprio nome
E abraçava o microfone pra tocar o seu dobrado

Faço versos pro palhaço que na vida já foi tudo

Foi soldado, carpinteiro, seresteiro e vagabundo
 Sem juiz e sem juízo fez feliz a todo mundo
 Mas no fundo não sabia que em seu rosto coloria
 Todo encanto do sorriso que seu povo não sorria

Vai, vai, vai começar a brincadeira
 Tem charanga tocando a noite inteira
 Vem, vem, vem ver o circo de verdade
 Tem, tem, tem picadeiro e qualidade

De chicote e cara feia domador fica mais forte
 Meia volta, volta e meia, meia vida, meia morte
 Terminando seu batente de repente a fera some
 Domador que era valente noutras feras se consome
 Seu amor indiferente, sua vida e sua fome

Fala o fole da sanfona, fala a flauta pequenina
 Que o melhor vai vir agora que desponta a bailarina
 Que o seu corpo é de senhora, que seu rosto é de menina
 Quem chorava já não chora, quem cantava desafina
 Porque a dança só termina quando a noite for embora

Vai, vai, vai terminar a brincadeira
 Que a charanga tocou a noite inteira
 Morre o Circo renasce na lembrança
 Foi-se embora e eu ainda era criança

Estrela, Estrela - Vitor Ramil

Estrela, estrela
 Como ser assim
 Tão só, tão só
 E nunca sofrer

Brilhar, brilhar
 Quase sem querer

Deixar, deixar
 Ser o que se é
 No corpo nu
 Da constelação
 Estás, estás
 Sobre uma das mãos

E vais e vens
 Como um lampião
 Ao vento frio
 De um lugar qualquer

É bom saber
 Que és parte de mim
 Assim como és
 Parte das manhãs

Melhor, melhor
 É poder gozar
 Da paz, da paz
 Que trazes aqui

Eu canto, eu canto
 Por poder te ver
 No céu, no céu
 Como um balão

Eu canto e sei
 Que também me vês
 Aqui, aqui
 Com essa canção.

*Circo no céu - Ney Carrasco
 (adaptação Daniele Pimenta)*

Boa noite, senhoras e senhores!
 Benvindos ao Circo do Piolin!
 Alegria, muita alegria!
 A vida deste circo não tem fim!

O circo é uma grande família,
 Que mantendo a tradição,
 Esconde por trás da euforia
 Muita dor no coração

Boa noite, pequenos e marmanjos!
 Benvindos ao Circo do Piolin!
 Boa-noite, anjos e arcangos,
 Benvindos serafins e querubins!

Se aquilo que a gente sente,
Cá dentro tivesse voz,
Muita gente...Toda gente
Teria pena de nós!

Hoje tem espetáculo?
Tem, sim senhor.
Hoje tem marmelada?
Tem, sim senhor.
Ó raio o sol suspende a lua,
viva o palhaço que está na rua

Boa noite, senhoras e senhores!
Benvindos ao Circo do Piolin!
Alegria, muita alegria!
A vida deste circo não tem fim!

Quem ouve o meu canto diz:
- Que feliz! Vive a cantar!
Quanta vez a gente canta
Com vontade de chorar!

A criança que chora
É que quer mamar
A mulher que namora
É que quer casar
E o palhaço o que é? É, é, é
É ladrão de mulher

A.B. Surdo - Lamartine e Noel

Nasci na praia do vizinho 86
Tá fazendo um mês, tá fazendo um mês.
A minha tia me emprestou vinte mil réis
Pra comprá pastéis, pra comprá pastéis.
É futurismo, menina, é futurismo, menina
Pois não é marcha nem aqui nem lá na China!
É futurismo, menina, é futurismo, menina
Pois não é marcha nem aqui nem lá na China!

Deixei o mundo e nas nuvens fui morar
Para descansar, para descansar,
Aqui no céu, toda gente pra viver
Tem que falecer, tem que falecer!

É futurismo, menina, é futurismo, menina
Pois não é marcha nem aqui nem lá na China!
É futurismo, menina, é futurismo, menina
Pois não é marcha nem aqui nem lá na China!

Seu dromedário é um poeta de juízo
É uma coisa louca, é uma coisa louca,
Pois só faz versos quando a lua vem surgindo
Lá no céu da boca, lá no céu da boca...
É futurismo, menina, é futurismo, menina
Pois não é marcha nem aqui nem lá na China!
É futurismo, menina, é futurismo, menina
Pois não é marcha nem aqui nem lá na China!

Eu dei... - Ary Barroso

Eu dei
O que foi que você deu meu bem?
Eu dei
Guarda um pouco para mim também
Não sei, se você fala por falar sem meditar

Eu dei
Diga logo, diga logo, é demais
Não digo
E adivinhe se é capaz

Você deu seu coração
Não dei, não dei
Sem nenhuma condição
Não dei, não dei
O meu coração não tem dono
Vive sozinho, coitadinho, no abandono

Eu dei
O que foi que você deu meu bem?
Eu dei
Guarda um pouco para mim também
Não sei, se você fala por falar sem meditar

Eu dei
 Diga logo, diga logo, é demais
 Não digo
 E adivinhe se é capaz

Foi um terno e longo beijo
 Se foi, se foi
 Desses beijos que eu desejo
 Pois foi, pois foi
 Guarde para mim unzinho
 Que mais tarde pagarei com uns
 jurinhos

Eu dei
 O que foi que você deu meu bem?
 Eu dei
 Guarde um pouco para mim também
 Não sei, se você fala por falar sem
 meditar

Eu dei
 Diga logo, diga logo, é demais
 Não digo
 E adivinhe se é capaz

Na carreira - Chico Buarque

Pintar, vestir
 Virar uma aguardente
 Para a próxima função
 Rezar, cuspir
 Surgir repentinamente
 Na frente do telão
 Mais um dia, mais uma
 cidade
 Pra se apaixonar
 Querer casar
 Pedir a mão

Saltar, sair
 Partir pé ante pé
 Antes do povo despertar
 Pular, zunir
 Como um furtivo amante
 Antes do dia clarear
 Apagar as pistas de que um
 dia
 Ali já foi feliz
 Criar raiz
 E se arrancar

Hora de ir embora
 Quando o corpo quer ficar
 Toda alma de artista quer
 partir

Arte de deixar algum lugar
 Quando não se tem pra onde
 ir

Chegar, sorrir
 Mentir feito um mascate
 Quando desce na estação
 Parar, ouvir
 Sentir que tatibitati
 Que bate o coração
 Mais um dia, mais uma
 cidade
 Para enlouquecer
 O bem-querer
 O turbilhão

Bocas, quantas bocas
 A cidade vai abrir
 Pruma alma de artista se
 entregar
 Palmas pro artista confundir
 Pernas pro artista tropeçar

Voar, fugir
 Como o rei dos ciganos
 Quando junta os cobres seus
 Chorar, ganir
 Como o mais pobre dos
 pobres
 Dos pobres dos plebeus
 Ir deixando a pele em cada
 palco
 E não olhar pra trás
 E nem jamais
 Jamais dizer
 Adeus